

Mulheres assombradas pela escuridão: nictofobia e abandono em *Lapa*, de Luís Martins

PAULO ALDEMIR DELFINO LOPES*

Resumo: Este artigo tem por finalidade discutir a vulnerabilidade e o abandono a que estão relegadas as figuras femininas no romance *Lapa*, de Luís Martins, que nos fornece um panorama da prostituição no Rio de Janeiro do início do século XX. Os impactos físicos e emocionais sofridos por essas “mulheres da vida” são analisados a partir da Psicanálise, na interface com a Literatura. A partir desse enfoque, buscamos observar como essas mulheres vivenciam o abandono afetivo e a desproteção, de modo que se mostram acometidas por muitos transtornos psicológicos, sobretudo, o medo da escuridão, sintoma de uma histeria coletiva que afeta a quase totalidade das prostitutas no romance em estudo.

Palavras-chave: Prostituição; Nictofobia; Psicanálise; *Lapa*.

Women haunted by the darkness: nictophobia and abandonment in *Lapa*, by Luís Martins

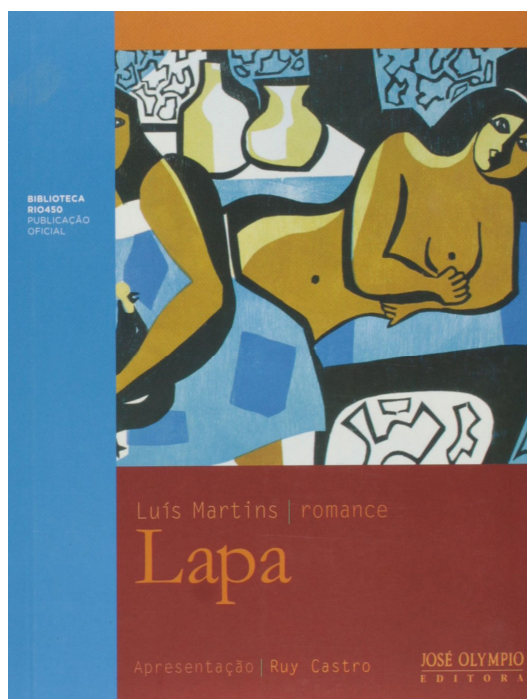
Abstract: This paper aims to discuss the vulnerability and abandonment to which female figures are relegated in the novel *Lapa*, by Luís Martins, which provides us with an overview of prostitution in Rio de Janeiro in the early 20th century. The physical and emotional impacts suffered by these “whores” are analyzed from Psychoanalysis, in the interface with Literature. From this approach, we seek to observe how these women experience emotional abandonment and lack of protection, so that they are affected by many psychological disorders, especially the fear of darkness, a symptom of a collective hysteria that affects almost all the prostitutes in this novel.

Key words: Prostitution; Nictophobia; Psychoanalysis; *Lapa*.



* PAULO ALDEMIR DELFINO LOPES é Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPB); professor efetivo da rede estadual de ensino da Paraíba.

É uma crônica trágica da prostituição carioca, da Lapa e do Mangue, onde uma humanidade condenada vive a vida mais desgraçada e mais humilhante. (*Nota absolutamente necessária*, Luís Martins, 2015, p. 35)



Preliminares

A escrita de Luís Martins¹ em seu romance *Lapa*, de 1936, desde a nota introdutória que abre a edição tomada para análise, mostra-se crítica e denunciante da realidade social desgraçada a que é submetida a mulher, destonada da posição de musa inspiradora ou de *femme fatale*, como os poetas frequentemente a representaram.

A espacialidade prenunciada com centralidade no breve título aponta para a região frequentada pela boemia carioca, espaço conhecido há muito pela abundante oferta de serviços sexuais. O Rio de Janeiro foi o centro do poder no

Brasil de 1763 a 1960, e isso, certamente, favoreceu a circulação dos mais variados sujeitos tanto da corte portuguesa quanto da *colônia portuguesa do Estado do Brasil* (1763-1815), do *Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves* (1815-1822), do *Império do Brasil* (1822-1889) e da *República dos Estados Unidos do Brasil* (1889-1968), todas estas designações referentes ao mesmo espaço geográfico, mas a diferentes momentos da história política do Brasil.

O romance foi censurado pelo Estado Novo e, por essa razão, ocupou durante muito tempo os filões da literatura clandestina. Esse tipo de censura, no entanto, como a história tem mostrado, contribui para que as obras proibidas exerçam grande fascínio ou instiguem a curiosidade dos leitores, ávidos por conhecerem as razões que levaram os censores à inútil tentativa de apagar suas existências.

Objetiva-se neste texto uma breve análise da prostituição no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, a partir do romance de Luís Martins, com foco no abandono afetivo e desproteção que marcam as personagens de *Lapa*, tendo como suporte teórico alguns conceitos da psicanálise, notadamente aqueles relacionados às questões edípicas e à inveja do pênis.

¹ Luís Martins (1907-1981) nasceu no Rio de Janeiro, mas mudou-se para São Paulo em 1938, dois anos após a publicação de *Lapa*, em decorrência de perseguição pela ditadura do Estado Novo, que classificava sua obra como insurgente e comunista. Dentre os fatos mais lembrados em sua biografia, destaca-se o tumultuado romance com Tarsila do Amaral e a dupla condecoração com o Prêmio Jabuti, em 1965 com *Noturno da Lapa*, na categoria biografia/memórias, e em 1972 com o romance *A Girafa de Vidro*. Durante 36 anos, assinou crônicas para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao contrário de seu exílio, que nunca teve fim, sua vida acaba em um acidente automobilístico na Via Dutra, em viagem de São Paulo ao Rio.

Penetrando o universo da prostituição

Lapa, o romance em análise, nos conduz por pequenas incursões no submundo da prostituição sem grandes investimentos na constituição psíquica dos personagens, exceto de Odette e de Paulo, narrador-protagonista que deslinda sua passagem por esses ambientes, alguns dos quais adjetivados por sífilíticos e blenorragicos, como as pensões da região do Mangue, último reduto das criaturas mais deploráveis.

No tempo da minha infância, o baixo meretrício polonês-mulato vivia nas ruas Vasco da Gama e Tobias Barreto. Na rua Silva Jardim, isolava-se a zona francesa de 5 mil-réis [...]. Na Lapa – beco das Carmelitas, rua Joaquim Silva e rua Moraes e Vale – ficava uma zona melhorzinha, de 10 mil-réis [...]. Na Glória, ficava a zona das pensões, começando de 20 mil-réis. (MARTINS, 2015, p. 69-70).

Como se vê, a hierarquização das prostitutas aparece sob a forma de cifras que eram pagas por seus serviços – que vão de 5\$000 (cinco mil-réis) a quantias que sobejam os 100\$000 (cem mil-réis) – e pela localidade onde exercem seu ofício. Embora não possamos precisar o poder aquisitivo desses valores, a diferença de vinte vezes entre o menor e o maior nos dá a dimensão dessa disparidade. No topo da cadeia, durante algum tempo, estiveram as prostitutas importadas da França, que figuravam como as mais caras e ofereciam serviços mais requintados. Aliás, esse aspecto já fora mencionado por Eliane Robert Moraes (2015) no texto *Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária*, em que a pesquisadora situa as transformações ocorridas no modo de representação da prostituta na literatura francesa e brasileira no final do século XIX e início do século XX.

Segundo Moraes (2015), “o imaginário artístico e literário em torno da prostituição passou por mudanças radicais e a reles meretriz oitocentista se viu transformada em um mistério acima de toda compreensão, só comparável aos grandes enigmas humanos” (p. 168). É sobre esse caráter enigmático que recobre o feminino e, em especial, a prostituta que pretendo me demorar mais um pouco.

Antes, porém, é importante situar que o romance é estruturado em seções, denominadas pelo autor como “primeira parte”, “segunda parte” e “terceira parte”, cada qual com suas particularidades, embora o narrador, do tipo autodiegético, assuma em todas elas o mesmo ponto de vista.

Na primeira parte, Paulo nos dá a conhecer um pouco de sua adolescência, suas primeiras aventuras amorosas e o início de suas vagabundagens pelas pensões e cabarés do Rio de Janeiro em busca dos prazeres que lá se negociavam. Sua primeira namorada, Lili, tinha dezenove anos, três a mais que ele, mas, antes dela, o jovem já havia sido iniciado por prostitutas de cinco mil-réis e até por uma “negra empregadinha” de sua casa. A desventura desse primeiro relacionamento e o estado de apatia em que se encontrava após haver-se desfeito o namoro, segundo o jovem, foi a mola propulsora para seu mergulho no universo da prostituição:

Papai alarmou-se. Aquilo não podia continuar. Procurou um primo nosso, muito farrista, que vivia em pensões de mulheres e cabarés e pediu-lhe que me levasse com ele para me distrair. Julgava tudo, talvez, uma simples necessidade sexual, sem saber que desde os 14 anos eu frequentava meretrizes de 5 mil-réis. (MARTINS, 2015, p. 46).

A partir dessa memória do narrador, já é possível divisar o paradoxo que se estabelece em torno da figura da meretriz: empurrada para as margens da sociedade, pois causa desconcerto aos moralistas, e, ao mesmo tempo, “mal necessário, elixir revitalizador do gosto pela vida”, como julgava o pai de Paulo.

Em suas andanças por diferentes pensões e cabarés, Paulo escuta várias histórias que são contadas por outros frequentadores, por garçons “veados” e por “putas” com as quais dormia. É a partir de uma dessas histórias que se estrutura este texto, buscando alguns entrelaçamentos entre a prostituição e o abandono.

A segunda parte focaliza com mais insistência a figura de Odette, outra ex-namorada de Paulo que se desgraçou na vida por ter perdido a virgindade antes do casamento. Nem contente nem arrependida da vida que levava, o reencontro de Odette com Paulo se dá após dois anos de meretrício, tempo necessário para que matasse “a ingênua rapariga quimérica e vaidosa [...] agora uma pobre mulher sem ilusões” (MARTINS, 2015, p. 78). É também nessa segunda parte que conhecemos um pouco mais da “violenta paisagem humana do Mangue” (p. 88), de mulheres que contraem doenças venéreas a outras que abandonam sua prole após meses de gestação que interrompem seu ganha-pão.

Embora nessa segunda parte se esboce uma possível explicação social para a entrada na prostituição, “todas elas foram jogadas a essa vida por um erro da nossa organização social. Nenhuma veio por vocação! Nenhuma!” (MARTINS, 2015, p. 80), quando recorda da jovem Odette, Paulo já pressentia a que estava fadada: “Era uma prostituta por instinto. Eu tinha certeza de que ela cumpriria o seu destino” (p. 75). Por instinto ou por

força das vicissitudes que o meio social lhe impõe, é na condição de prostituta que Paulo a reencontra. Aliás, Odette é desde cedo caracterizada como transgressora, mesmo antes de “liquidar a virgindade de qualquer maneira” (p. 75).

Na terceira parte, apresenta-se com mais vivacidade os danos causados pelo envelhecimento tanto das prostitutas quanto de Paulo, que após dois anos em Minas Gerais, retorna ao Rio. Para as mulheres que vivem na zona do baixo meretrício, o envelhecimento ocorre muito mais aceleradamente, sinalizando outro aspecto desencadeador de medo na vida destas, que após desgastarem seus corpos, são relegadas ao esquecimento. Paulo relata com certa perplexidade os efeitos do tempo sobre seus corpos:

Giselle me reconheceu. Foi uma coisa pau o meu encontro com ela. Nada mais da rapariga bonita de dois anos antes. Engordara, envelhecera dez anos, andava pesadamente, com dignidade e importância. Estava feia e acabada, parecia a mãe dela.

[...]

Mas como, diabo, envelhecera tão depressa? Afinal, dois anos... Eu estava quase igualzinho ao rapaz que fora naquele tempo. (MARTINS, 2015, p. 118).

Algumas poucas, finda a juventude, conseguem se estabelecer como donas de pensões e passam a viver da exploração de outras jovens, não servindo mais à satisfação dos desejos masculinos. Giselle é um desses pontos fora da curva: “Não fazia mais a vida. Ganhara muito dinheiro no Mangue e comprara aquela casa de sociedade com a Ginette. Agora, estava ali, honestamente, dirigindo o negócio” (MARTINS, 2015, p. 118).

Paulo, por sua vez, experimenta a degradação de outra ordem. Quanto ao aspecto físico, não parece ter

envelhecido, como ele mesmo constata, “Eu estava quase igualzinho ao rapaz que fora naquele tempo” (p. 118), mas o dispêndio de suas economias com a prostituição, que tinham como fonte a mesada do pai, o impelem à árdua tarefa de ter de se arranjar sozinho. O jovem que antes se “vestia bem, andava limpo, [...] tinha tido alguns amores de graça entre as mulheres da vida”, agora se assemelhava ao restante da paisagem, ao relatar que “Primeiro, um colarinho sujo, depois, uma camisa amarrotada. Depois, sem dinheiro, empenhei a roupa melhor que tinha, pra comer” (MARTINS, 2015, p. 125). Mais tarde, em seu reencontro com Odette, ela também atestará seu declínio: “– Você era um rapaz tão elegante...” (p. 132).

Sobre Odette, Paulo a descreve em três momentos distintos de sua vida: na adolescência, quando sua namorada, depois na Lapa, frequentando *rendez-vous* e pensões de 30\$000 e, por fim, no Mangue, em estado deplorável, batalhando diariamente para tentar voltar para casa ao menos com o dinheiro do aluguel diário do quarto. A tragicidade da vida e da morte de Odette ilustra como a prostituição pode ser corrosiva. Na percepção do narrador, “O corpo da mulher que se entrega a vários homens, por dinheiro, é um corpo neutro, morto, incapaz de gozo. Estéril e esterilizante” (MARTINS, 2015, p. 173).

Mas não é somente o corpo físico que sofre. As dores das personagens se manifestam, também, sob a forma de traumas e fobias, como se busca demonstrar neste artigo.

No escuro, a solidão ganha corpo e amedronta

O verbo “dormir”, na primeira parte do romance, está menos relacionado ao sentido de ato sexual – que frequentemente é designado por

“trepada” ou pela expressão “ir com” – e mais ligado ao sono, à satisfação da necessidade fisiológica de repouso, ou seja, ao sentido denotativo mesmo. Isso ocorre porque grande parte dessa seção é dedicada à narração de um fato curioso, “que é raríssima a mulher da vida que dorme sem luz nenhuma no quarto” (MARTINS, 2015, p. 53).

Se tal informação causou curiosidade a Paulo, não menos curioso me encontrei diante de tal afirmação. Na verdade, essa parece ser uma daquelas histórias que nos fazem querer conhecer mais, saber de onde vem. E a indagação, persistente, se inscreve: mas, afinal, por que mulheres da vida têm medo de dormir no escuro?

Na literatura psicológica, a nictofobia, como é nomeada essa psicopatologia, caracteriza-se pelo “medo não pretendido e irracional do escuro que ocorre em fases onde não deveria acontecer” (POLAKIEWICZ, 2021, s/p). O medo da noite ou da escuridão, frequentemente, faz parte de uma fase do desenvolvimento infantil e tende a desaparecer à medida que a criança amadurece. A persistência de tal fobia ou seu surgimento na fase adulta aponta para problemas de ordem psicofisiológica e geralmente decorre de situações de estresse (LIAB; MAC; KANGAB *et al.*, 2015).

Embora o recurso à etiologia possa, de algum modo, lançar luz sobre o problema, não se pretende aqui fazer uma clínica médica tampouco psicanalítica dessa fobia. É imperativo, ainda, afirmar que as estruturas da clínica seriam inviáveis à generalização, por ser essa uma patologia apresentada por um contingente de sujeitos e não apenas por um sujeito específico.

O medo do escuro aparece no romance como uma condição que afeta, segundo o

narrador, a quase totalidade das prostitutas e essa condição colocaria as mulheres de “vida fácil” na difícil situação de ter de pagar a algum homem para que lhes fizesse companhia durante as horas de repouso, como vemos no excerto abaixo, contado por uma das prostitutas de um bordel frequentado por Paulo:

– Pois é. Ele vai, assim pelas duas, três horas, pras casas onde tem rapariga sem amigo. Chega lá, a mulher quer ir dormir, mas está com medo de dormir sozinha. Ele pergunta pra ela: ‘Como é, você quer ir dormir comigo, eu vou; mas passa 10.’ Ora, mulher tem mesmo é medo de dormir sozinha, vai logo. (MARTINS, 2015, p. 54).

Antes de passar a conjecturar as possíveis causas desse temor que assola grande parte das “mulheres da vida”, o narrador aventa, a partir desse fato, uma possível explicação para o lesbianismo entre as prostitutas: “Muitas vezes é esse medo de dormirem sós que domina todas as prostitutas, que as leva ao homossexualismo, quando ficam muito tempo sem amantes” (MARTINS, 2015, p. 54).

Como já mencionado, na primeira parte do romance, a informação de que prostitutas temem a escuridão de seus quartos assume considerável importância, e tal informação é dada como fato, como verdade incontestável dentro da narrativa. A nictofobia poderia, então, ser explicada a partir das diversas situações de estresse às quais as mulheres de vida são expostas diariamente no seu trabalho? Essa não parece ser uma explicação completamente satisfatória, uma vez que outras profissões igualmente estressantes necessariamente não geram quadros quase totalizantes (epidêmicos) de profissionais acometidos da mesma psicopatologia. Mais convincente,

talvez, seja supor que essa condição decorra de uma questão com a qual a psicanálise tem lidado há décadas, o abandono afetivo.

Num contexto social marcado pela hegemonia do patriarcado, a mulher vivencia a desproteção sob muitos aspectos, dentre eles a desproteção estatal e social, com a privação de direitos que só mais tarde seriam conquistados, em se tratando da realidade brasileira. No caso das prostitutas, essa desproteção é ainda mais acentuada, pois assumir esse posto implica a quebra dos vínculos parentais e de antigas amizades. O sujeito quase sempre é forçado a abdicar de seu passado e da possibilidade de construir uma família no futuro, salvo raras exceções. Isso para citar apenas as perdas com as quais o sujeito talvez consiga lidar conscientemente.

Abandono e desproteção, nesse caso, evocam o que em psicanálise tem-se chamado de perdas/trocas objetais. Segundo Maria Escolástica (1995), “o ser humano nasce em profundo desamparo” e, tão logo é introduzido no “circuito cultural das trocas simbólicas”, põe-se em funcionamento uma das primeiras relações estruturantes do sujeito, o complexo de Édipo. Como pano de fundo da formulação freudiana do complexo edípico, o sujeito, inconscientemente, estaria lidando, ainda em nível pré-verbal, com “uma memória arcaica filogenética, segundo a teoria da Horda Primitiva” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 136).

Na continuidade de sua explanação, a própria Maria Escolástica questiona se esse mito fundante seria suficiente para explicar o psiquismo feminino, ao menos em termos de um complexo de castração, uma vez que o próprio Freud admite com franqueza em correspondência a Fliess: “Gostaria de ter-lhe escrito sobre a teoria

sexual, pois disponho de algo que é plausível e confirmado na prática, só que ainda não tenho a menor idéia do que fazer com o +++ (01) aspecto feminino, e isso me faz desconfiar da coisa toda” (in MASSON, 1986). De qualquer modo, desde os primórdios da psicanálise, a imprecisão conceitual e a incapacidade de apreensão da feminilidade evidenciam o aspecto faltoso constitutivo do inconsciente.

O inconsciente aponta para um buraco no simbólico, uma falha, uma fenda radicalmente inassimilável em sua totalidade; sua origem só pode ser concebida como uma falta que se presentifica no dizer sobre ela. Portanto, qualquer tentativa para definir o inconsciente esbarra na mesma muralha que recobre o feminino: as palavras resvalam, escorregam, falham, mas não o nomeiam jamais. (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 137-138).

Importante situar que, conforme nos lembra Freud (1976), “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (p. 141). Na sequência de sua exposição, o psicanalista alerta para o engodo que culturalmente se disseminou de atribuir ao feminino a característica de passividade e ao masculino a atividade. Desfeito esse engano, é possível afirmar que uma ou outra mulher seja fálica. No entanto, como veremos, é exatamente o cerceamento dessa possibilidade que instala nas personagens do romance uma espécie de histeria coletiva que, se não elaborada, pode abrir caminho para uma “rota de fuga para a psicose” (FREUD *apud* KAUFMANN, 1996, p. 219).

Retomando o medo das mulheres de dormir sozinhas e elidindo as questões possíveis de se lidar no campo da consciência para ficarmos com as mais

profundas, da ordem do inconsciente, a hipótese da fenda aberta pela noção edípica parece responder, em parte, ao medo coletivo do escuro, na medida em que esboça uma tentativa de apreensão de um fenômeno mais ou menos a partir de uma generalidade, a falta constitutiva do psiquismo feminino. Generalidade, no entanto, que não deve ser compreendida como uma formulação simplista ou reducionista.

Inevitavelmente, a essa altura, ainda que não se tenha mencionado explicitamente a questão fálica, ela já está posta. Em termos da sexualidade masculina, castração, Édipo e retorno à mãe dizem dessa relação que tem como significante primeiro o falo. Seja *in praesentia* ou *in absentia*, ambos os sexos experimentam esse processo de modos distintos.

Ainda a título de exemplificação, agora em primeira pessoa, Rosinha, a puta interlocutora de Paulo, relata:

– Quando eu estava sem amigo, cortava uma volta para arranjar *companheiro* para dormir. Uma vez, fiquei na porta até quatro horas da manhã pra pegar o primeiro *homem* que passasse para dormir de graça. Peguei um diabo dum *velho brocha*, mas fui assim mesmo. Pois o sacana do velho bancou o meu gigolô naquela noite!

As mulheres caíram na *gargalhada*. (MARTINS, 2015, p. 54, grifos nossos).

No relato da moça, o medo da escuridão não se confunde com outros pavores que uma mulher possivelmente pudesse sentir, como estar na rua até altas horas, medo de ser forçada a algo etc. Nada disso se compara ao medo da solidão de um quarto escuro. A questão parece mesmo ser outra. Sua busca é por um “companheiro”, assinalando uma fenda que, talvez, a figura masculina possa tamponar, mas o risível da situação está

no fato de que, nessa noite, em específico, o companheiro que apareceu não tem os atributos fâlicos que o masculino pressupõe, pois o homem que lhe apareceu era “velho” e, para completar, “brocha”.

Resta claro, portanto, que a decrepitude desse masculino impossibilita a leitura de “dormir” como sinônimo de “foder”, ainda assim, é preferível a companhia de um velho “brocha” ao escuro ameaçador da solidão. Quais figuras fantasmáticas se plasmam no escuro quarto solitário de Rosinha é uma informação a que não temos acesso, decerto não coincidem com nenhuma atrocidade ou perversão humana real e exterior, os fantasmas que habitam seu inconsciente e irrompem pelas fissuras causando-lhe medo demandam analisar outras rotas.

Os traumas das perdas quase irreparáveis da reputação, o abandono afetivo da família e a “incapacidade” para o amor parecem caminhos possíveis à compreensão desse medo e inevitavelmente nos impele à formulação da inveja do pênis. Embora não seja rara a recusa ao uso dessa formulação, por evocar um sentido depreciativo ou mesmo destrutivo de que se reveste a palavra *inveja* e a própria ideia, o contraponto abonador de seu emprego neste texto estaria na noção de abandono e desproteção a que é relegado o feminino, sobretudo a figura feminina prostituída. Assim, não sem ressalvas, opta-se por tentar compreender essa falta constitutiva como condição à existência de ambos os sexos, pois mesmo o menino, na sua fase edípica, entraria em rota de colisão com um significante que parece mais completo que o seu, que precisa ser destruído, pois o ameaça com o medo da castração.

No feminino, no entanto, a falta do pênis é mais sentida, pois, como já explicitado, evidencia uma falta constitutiva,

enquanto no masculino uma possibilidade decorrente do medo da castração. É Melanie Klein quem vai se debruçar sobre essas formulações freudianas provocando alguns avanços e deslocamentos das primeiras proposições. Segundo a autora, o resultado do complexo de Édipo na menina

[...] é a descoberta de que não possui um pênis. Ela sente essa falta como mais um motivo para odiar a mãe, mas ao mesmo tempo seu sentimento de culpa faz com que a encare como uma punição. Isso torna mais amarga sua frustração nesse sentido e, por sua vez, exerce uma influência profunda no complexo de castração como um todo. (KLEIN, 1996, p. 222).

Aqui, situo essa posição no limite da teoria, ambicionando uma aplicabilidade menos depreciativa do feminino, pois essa depreciação há muito já está posta em se tratando da “mulher da vida”, senão, vejamos pelo prisma de Paulo a sua própria falta:

Procurei em tantas mulheres o infinito, o vago, a coisa sem solução e sem causa que era o meu amor. Procurei e não achei. Lia era uma pobre prostituta que *só possuía a miséria já gasta do seu corpo*. E essa inutilidade me dava raiva e revolta. (MARTINS, 2015, p. 56, grifos nossos).

E, mais adiante, a respeito de uma outra, acrescenta:

Giselle era a mais sentimental das francesas que já vi. Eu tinha a impressão de que gostava de mim. Afinal, aquelas pobres mulheres eram seres humanos, capazes de amor, *um amor que não representava nada para mim*, mas era tudo que elas podiam dar. (MARTINS, 2015, p. 59-60, grifos nossos).

O primeiro excerto nos possibilita afirmar que ambos os sexos estão fadados à eterna busca de um objeto que jamais será encontrado em sua totalidade, pois qualquer que possa ser seu substituto, este será apenas um simulacro daquele, como remendo que se põe em tecido roto. No segundo excerto, Paulo nos faz pensar sobre as vinculações socialmente interditadas, pois um jovem só poderia se vincular a uma prostituta (dadas as circunstâncias históricas e culturais, se bem que não parece ter havido muitas mudanças nesse sentido) para satisfação momentânea de suas necessidades sexuais, nunca para a constituição de vínculos mais fortes.

Na perspectiva do feminino prostituído, possuir (ou ser possuída por) vários homens sem, contudo, poder devotar-lhes amor diz, senão de sua incapacidade para o amor, da interdição deste. Ultrapassar a fronteira da relação meramente comercial que se estabelece na alcova é pôr-se em risco, não há objeto capaz de tamponar a fenda por muito tempo, restando a ferida sempre aberta, denúncia escancarada da falta.

Essa angústia, pensada por Melanie Klein (1996) como uma ansiedade, acomete tanto a menina quanto a mulher.

Em minha opinião, essa ansiedade, que como já descobri na análise de meninas e mulheres, é a ansiedade mais profunda, representa a primeira situação de perigo da pequena menina. *Percebi que o medo de ficar sozinha, da perda do amor e da perda do objeto amoroso*, que para Freud é a situação de perigo infantil básica para as meninas, é na verdade uma modificação da situação de ansiedade que acabei de descrever. (KLEIN, 1996, p. 247, grifos nossos).

Tratá-la como ansiedade ou como situação de perigo infantil, na verdade, não faz muita diferença nesse momento.

O que, de fato, interessa é que através das experiências clínicas tanto de Freud quando de Klein, a angústia persecutória está posta, “... as forças da consciência moral pelas quais adoecemos em decorrência do sucesso, como em geral o fazemos em razão da frustração, dependem intimamente, como talvez toda nossa consciência de culpa, do complexo de Édipo, da relação com o pai e a mãe” (FREUD *apud* KAUFMAN, 1996, p. 106). A continuidade da análise da gênese desse sintoma talvez conduzisse ao conceito de fantasias primordiais ou à satisfação onírica de prazeres, mas como Freud, deixo este texto em aberto, acrescentando à sua constatação uma interrogação “por que são criadas sempre as mesmas fantasias de igual conteúdo” (FREUD, 2014, p. 401)?

Considerações finais

Lapa, de Luís Martins é, sem dúvida, um romance denunciador da calamitosa vida das prostitutas do Rio de Janeiro. Da Lapa ao Mangue, como ele situa, há uma gradação (degradação) progressiva dos tipos que compõem essa geografia humana. Por meio do narrador-personagem Paulo, o leitor é apresentado a diferentes figuras, libertinos, boêmios, “veados” e “putas” que fazem de pensões e cabarés ponto de encontro para o sexo ou simplesmente para dormir.

Seguindo as andanças de Paulo por esses espaços e ouvindo as histórias que lhes são contadas, uma em especial despertou interesse: as mulheres da vida sentem medo de dormir sozinhas. Esse medo, caracterizado como uma psicopatologia, a nictofobia, parece ter origem nos subterrâneos do inconsciente e se manifesta na forma de uma histeria coletiva, cuja análise filogenética conduz ao complexo de castração, às trocas objetais e às mais variadas formas de abandono afetivo experienciado pelo

sujeito feminino prostituído, como foi demonstrado.

Assim, o arcabouço teórico da psicanálise se mostrou de fundamental importância na tentativa de explicação de um fato ficcional recortado da narrativa, apontando para o aspecto traumático do abandono, que insiste em vazar pelas fendas do inconsciente. *Lapa* denuncia a exploração da mulher e, ao mesmo tempo, o sistema patriarcal, que insiste na lógica monogâmica, mas faculta somente ao homem a obtenção de experiência sexual antes do matrimônio, cuja iniciação, em geral, se dá através da prostituta.

Referências

ESCOLÁSTICA, Maria. **O gozo feminino**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

FREUD, Sigmund. Feminilidade – Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.

_____. **Conferências introdutórias à psicanálise [1916-1917]**. Obras completas, v. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KAUFMANN, Pierre (Ed.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud**

e Lacan. Trad. Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. 504p. (Obras completas de Melanie Klein; v. 1).

LIAB, Yadan; MAC, Wenjuan; KANGAB, Qin *et al.* Night or darkness, which intensifies the feeling of fear? **International Journal of Psychophysiology**, v. 97, n. 1, jul. 2015, p. 46-57. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.ijpsycho.2015.04.021>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MARTINS, Luís. **Lapa**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

MASSON, Jeffrey Moussaieff (Ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MORAES, Eliane Robert. Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária. **Teresa** revista de Literatura Brasileira, v. 15, São Paulo, 2015, p. 165-178.

POLAKIEWICZ, Rafael. Conheça a Nictofobia: o medo do escuro. **Portal PEBMED**, out. 2021. Disponível em: <<https://pebmed.com.br/conheca-a-nictofobia-o-medo-do-escuro/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Recebido em 2022-01-15

Publicado em 2022-07-01